
Sepultura da Idade do Bronze do Sobreiro (Mato Serrão, Lagoa)

MÁRIO VARELA GOMES¹
LUÍS CAMPOS PAULO²
SÓNIA DUARTE FERREIRA²
JOÃO RAMOS³

R E S U M O A escavação desta estrutura constituiu emergência, motivada pela sua descoberta e parcial violação, na sequência da extracção clandestina de areias.

Trata-se de sepultura, do tipo cista, edificada com lajes de calcário, onde se inumaram dois indivíduos, em diferentes momentos, o último dos quais em posição contraída e *decubitus* lateral, com a face voltada para sul.

A primeira inumação correspondia a mulher adulta e a segunda a indivíduo do sexo masculino, com idade superior a 35 anos.

No interior da câmara encontrou-se pequeno fragmento de dormente de mó manual, talvez ali depositado no âmbito de prática sócio-religiosa. A tampa mostrava conjunto de covinhas, a que devemos, ainda, conferir carácter ritual.

A tipologia da sepultura, os aspectos rituais que ela ofereceu e os paralelos estudados, permitiram atribuir-lhe datação da II Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular.

A B S T R A C T The emergency excavation of this structure was motivated by its discovery and partial violation as a result of the clandestine extraction of sands. The site is made up of a cist-type structure, built with limestone slabs, where two individuals were buried at different time periods. The latter individual was in a contracted and *decubitus* lateral position, with the face turned to the south. The first burial corresponded to an adult female and the second to a male, who was older than 35 years.

Within the burial was discovered a small fragment of a quern, perhaps placed there as part of a socio-religious ritual. The stone cover to the burial had a group of small cup-marks, to which we should also attribute a ritual character.

The typology of the burial, the ritual evidence associated with it, and the parallels studied, allow us to date it to the Bronze II period of the Southwestern Iberia.

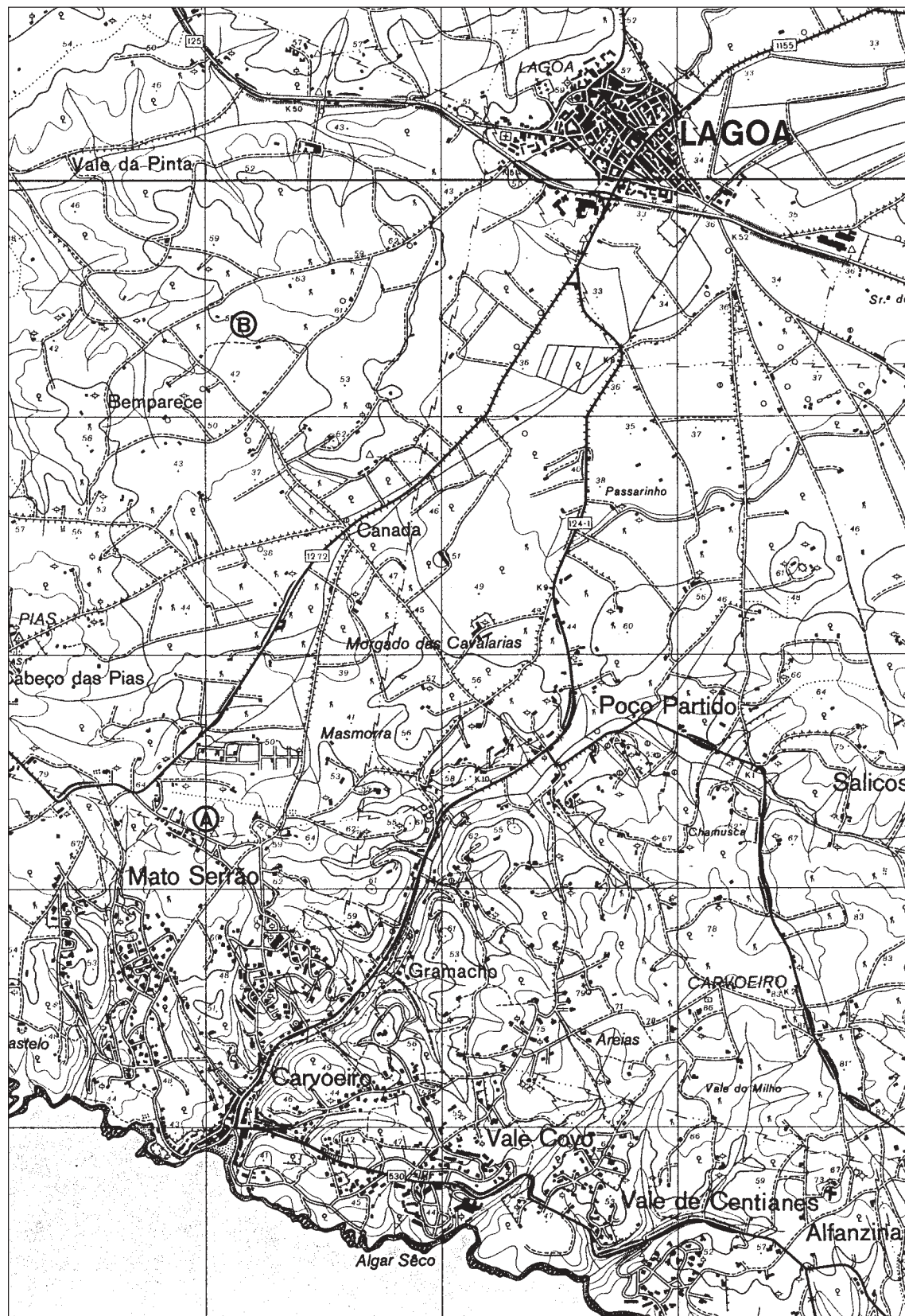


Fig. 1 Localização das necrópoles do Sobreiro (A) e de Bemparece (B) (seg. a C. M. P., n.º 604, Lagoa, esc. 1:25 000, 1979).

1. Descoberta

Um dos signatários (M. V. G.) identificou, em 1994, testemunhos de povoado neolítico no local então denominado Mato Serrão 2.

Ali se reconheceram, à superfície do terreno e em pequenos cortes abertos para extracção de areia, fragmentos de recipientes de cerâmica, alguns dos quais com as superfícies almagradas e um, contendo porção do bordo, espessado internamente, e com as superfícies muito bem alisadas, permitindo paralelos com grande vaso exumado no povoado da Caramujeira, no mesmo concelho, atribuído ao Neolítico Antigo Evolucionado. Entre os materiais líticos encontrados conta-se percutor/movente, dormente de mó manual e restos de talhe, de sílex, quartzito e grauvaque.

A jazida e o espólio que ofereceu, foram referidos no *“Levantamento Arqueológico do Algarve - Concelho de Lagoa”* (Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 76).

Prospecções ulteriores, efectuadas por um de nós (J. R.), na sequência da extracção clandestina de areias que tem, sucessivamente, vindo a retalhar a jazida, conduziram à recolha de numeroso espólio arqueológico, que será oportunamente estudado, como à descoberta, em Março de 2001, do monumento agora publicado.

2. Localização

O microtopónimo Sobreiro, que se deve a robusta árvore ali conservada, identifica pequena zona da área planáltica situada entre a ribeira do Carvoeiro, que corre a nascente, e a das Sesmarias, a poente, sobranceira ao mar e conhecida genericamente por Mato Serrão (Fig. 1).

A jazida arqueológica ocupa os terrenos mais altos, com 72 m de cota máxima, medindo cerca de 150 m de diâmetro e tendo vertentes, suavemente inclinadas, voltadas para sul e sudoeste.

Aquele local situa-se a cerca de 3,5 km su-sudoeste da cidade de Lagoa e a 1 km sudeste do v.g. Pias. As suas coordenadas geodésicas Gauss são: W 698 158 (segundo a *Carta Militar de Portugal*, n.º 604, Lagoa, escala 1:25 000, 1979).

Zona constituída por areias plio-pleistocénicas e holocénicas, foi outrora utilizada na agricultura de sequeiro e no plantio de vinha, encontrando-se, actualmente, no seio de área fortemente urbanizada.

É proprietária dos terrenos, onde se situa a jazida, a empresa Covenda – Compra e Venda de Propriedades, Lda.

A sepultura, objecto do presente estudo, integrava corte, aberto por vala para extracção de areia, na vertente sudoeste da pequena elevação acima referida, a treze metros e meio da berma norte da estrada municipal que liga a E.N. 1272 à E.N. 124-1, e a pouco mais de dois metros de p.t. e de poste telefónico de madeira.

3. Metodologia e meios

A sepultura agora dada a conhecer apresentava-se quase totalmente exposta, tendo porção da laje de cobertura sido removida e o interior em parte revolvido. Em redor existia alguma vegetação e a área envolvente tinha sido muito remexida (Fig. 2).

Depois da limpeza da vegetação e de lixos ali acumulados, retiraram-se as terras soltas e procedeu-se à regularização de corte existente, sensivelmente orientado no sentido sudoeste-nor-



Fig. 2 Aspecto da sepultura do Sobreiro, de poente, anteriormente à intervenção efectuada em Agosto de 2001 (foto M. V. Gomes, RVI/2001-1).



Fig. 3 Vista da sepultura do Sobreiro, de poente, durante a escavação (foto M. V. Gomes, RVI/2001-26).

deste, com três metros e meio de extensão, integrando boa parte da sepultura. Em seguida nivelámos o terreno em torno da sepultura e junto ao corte, à cota da base dos esteios daquela estrutura (Fig. 3).

Procedeu-se, depois, à remoção das terras soltas que preenchiam o interior da sepultura e a cerca de 0,15 m de profundidade detectámos plástico de cor verde, colocado por um de nós (J. R.), aquando da sua descoberta, devidamente coberto com areia, de modo a proteger o espólio osteológico que ainda se conservava.

A escavação do interior da cista, que haveria de pôr a descoberto parte de dois esqueletos humanos, processou-se através de sucessivos níveis artificiais, com 0,01 m a 0,02 m de espessura e utilizando-se, apenas, espátulas, bisturis e pincéis.

Recolheu-se amostra de terras do interior daquela estrutura (3 litros).

As terras por nós desmontadas, no interior da sepultura e no corte, foram integralmente criadas, através de malha medindo 5 mm de abertura máxima.

A sepultura, depois de escavada e de exaustivamente registada, através de desenho cotado e de fotografias, a preto e branco e a cores, foi desmontada e os seus elementos constituintes guardados em instalações da Câmara Municipal de Lagoa, de modo a poder ser remontada no futuro Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade.

Considerou-se, na altimetria efectuada, como ponto zero convencional (0=0,00) zona de cota mais elevada do corte anteriormente mencionado (Fig. 4).

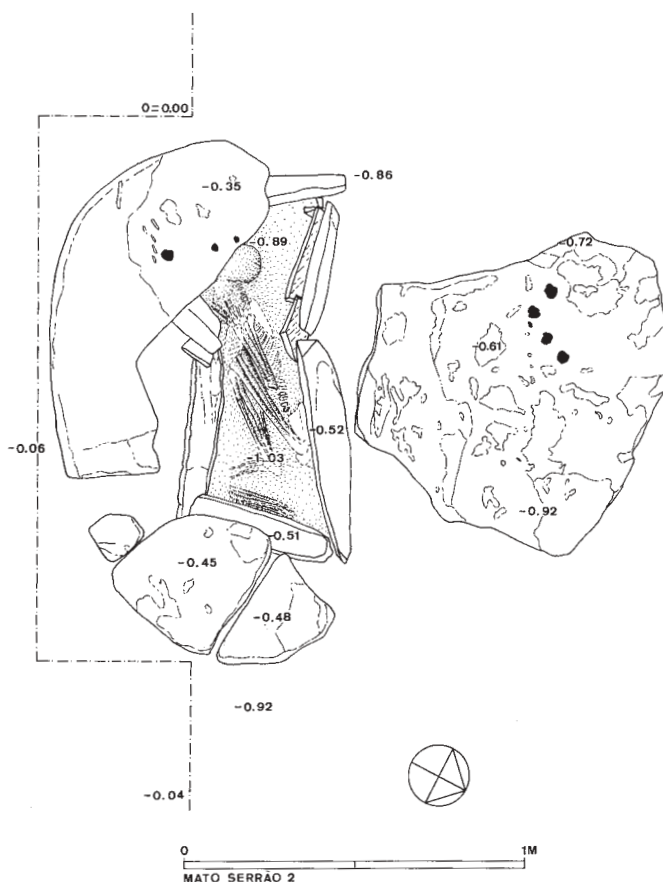


Fig. 4 Planta da sepultura do Sobreiro (lev. S. D. Ferreira e M. V. Gomes).

Os trabalhos de campo, superiormente autorizados pelo Instituto Português de Arqueologia, decorreram de 13 a 17 de Agosto, foram executados pelos três primeiros signatários e suportados, na totalidade, pela Câmara Municipal de Lagoa.

Ao seu vice-presidente, Dr. José Inácio Marques Eduardo, devemos, reconhecidamente, agradecer o interesse por esta intervenção, tendo-nos contactado para a realizarmos, assim como a prontidão com que resolveu os diferentes aspectos logísticos que ela implicou.

Notícias do achado e dos trabalhos efectuados, surgiram no jornal “*Barlavento*” (Rodrigues, 2001) e na revista “*Entdecken Sie Algarve*” (Chaves, 2001).

4. Estratigrafia

As diferenças de composição, textura e cor, permitiram reconhecer, no corte que regularizámos, três principais camadas, embora não correspondam a formações diacrónicas provocadas apenas por acção antrópica, tendo sobretudo carácter geológico (Fig. 5).

No corte, com 1,20 m de altura, identificámos as seguintes camadas:

- Camada 1 – Constituída por areias, não muito coesas e com forte matriz argilosa, que embalam nódulos de argila e restos de material orgânico de origem vegetal. Apresenta cor cinzenta escura (10 YR 6/2)⁴ e 0,20 m de potência média.
- Camada 2 – Formada por areias, mais coesas que as da camada anterior, contendo abundantes materiais arqueológicos, nomeadamente neolíticos. Mostrava cor castanha clara (10 YR 6/3) e atingia 0,15 m a 0,20 m de espessura.
- Camada 3 – Corresponde à formação assente no substrato rochoso, sendo constituída por areias bem compactadas e completamente estéreis em materiais arqueológicos. Todavia, no topo desta camada, na ligação com a precedente, surgem artefactos nucleares (raspadores) e lascas, talhados em quartzito ou grauvaque, a que podemos atribuir, dada a situação estratigráfica e o recorte tipológico, idade epipaleolítica. Apresenta cor amarela muito clara (10YR 7/4) tornando-se, nas zonas mais profundas, de cor quase branca (10 YR 8/2). Atingimos potência superior a 0,80 m.

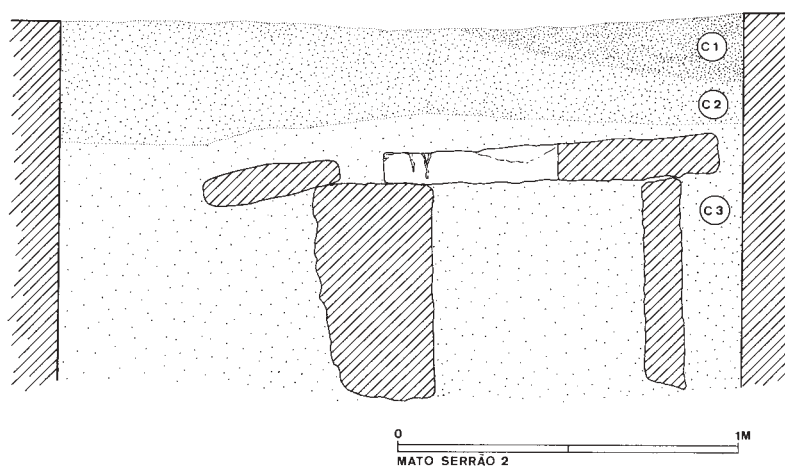


Fig. 5 Corte com a sepultura do Sobreiro (lev. S. D. Ferreira e M. V. Gomes).

5. Arquitectura

O monumento funerário que nos propusemos estudar corresponde a estrutura do tipo cista, bem conhecido na Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular e, nomeadamente, no Sul de Portugal.

Trata-se de construção de pequenas dimensões, constituída por fossa, aberta na camada de areias compactas de cor amarela muito clara (C3), onde foram implantados esteios, dispostos de cutelo, formando câmara, depois coberta por tampa monolítica (Fig. 6).

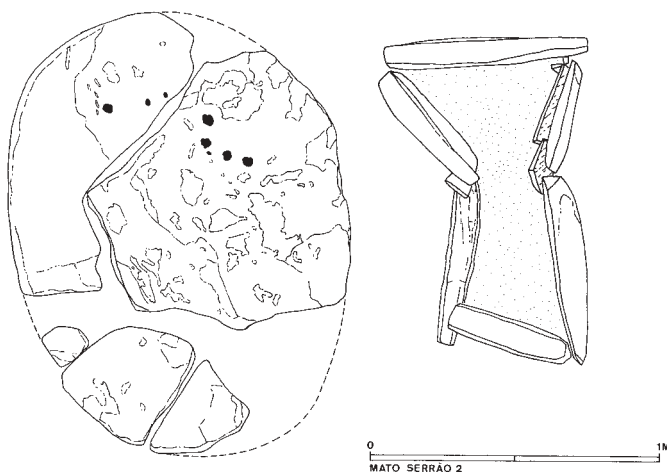


Fig. 6 Tapa e planta da câmara da sepultura do Sobreiro (lev. S. D. Ferreira e M. V. Gomes).



Fig. 7 Vista da sepultura do Sobreiro, de norte, após escavação (foto M. V. Gomes, RVI/2001-8).



Fig. 8 Vista da sepultura do Sobreiro, de sul, após escavação (foto M. V. Gomes, RVI/2001-32).

Tanto os esteios da câmara como a laje de cobertura foram talhados em calcário conquífero da região, de cor muito branca, brando e pouco resistente.

A câmara apresentava o eixo maior orientado no sentido sudoeste-nordeste.

O topo sudoeste daquela era definido por esteio, onde, tal como acontece em certas zonas de outros, se observavam vestígios do trabalho de corte e regularização. Este foi executado através de fino gume lítico (pedra polida) ou, talvez mais provavelmente, metálico. Media 0,70 m de largura, 0,60 m de altura e 0,10 m de espessura máxima (Fig. 14).

Ao interior das extremidades do esteio referido, apoiavam-se os topos dos esteios laterais, que formavam as paredes maiores, nos lados sudeste e noroeste, da câmara.

O esteio do lado sudeste media 1,05 m de comprimento, 0,60 m de altura e 0,10 m de espessura, encontrando-se fragmentado em três pedaços, devido à pressão das terras exteriores.

No lado noroeste existiam duas lajes que substituíam o habitual elemento monolítico, dis-



Fig. 9 Vista da sepultura do Sobreiro, de noroeste, com a tampa recolocada (foto M. V. Gomes, RVII/2001-1).



Fig. 10 Aspecto da porção da tampa da sepultura do Sobreiro, observando-se conjunto de covinhas (foto M. V. Gomes, RVI/2001-22).



Fig. 11 Pormenor do sistema de consolidação, com argila, dos esteios dos lados poente e sul da sepultura do Sobreiro (foto M. V. Gomes, RVI/2001-36).



Fig. 12 Vista da sepultura do Sobreiro, de poente, com a tampa reposta (foto M. V. Gomes, RVII/2001-0).

postas formando ângulo, devido igualmente à pressão dos terrenos envolventes. No canto poente do interior da cista e junto ao esteio, observou-se fina laje de reforço, colmatando a ligação entre os dois elementos que formavam o lado noroeste da câmara, um com 0,40 m de comprimento e o outro com 0,66 m, medindo ambos 0,57 m de altura e 0,07 m a 0,09 m de espessura máxima (Figs. 7, 8).

O esteio do topo nordeste, com os cortes e as superfícies bem regularizadas, encontrava-se encaixado entre as extremidades dos dois esteios laterais. Media 0,44 m de largura, 0,60 m de altura e 0,11 m de espessura máxima.

O interior da câmara, formado pelos elementos anteriormente mencionados, media 0,90 m de comprimento, 0,56 m de largura máxima (topo sudoeste) e 0,60 m de profundidade.

A laje de cobertura, com contorno ovalado, cobria os topos dos esteios da câmara, medindo 1,55 m de comprimento, 1,15 m de largura e 0,14 m de espessura máxima. Encontrava-se a 0,36 m de profundidade em relação ao nível do solo actual, partida em seis pedaços, sendo algumas fracturas antigas. Na metade sudoeste da sua superfície superior, detectámos oito covinhas, com contorno subcircular, algumas alinhadas e definindo ângulo quase recto (Figs. 9, 10, 13).

As ligações entre os esteios, entre os topos destes e a laje de cobertura e, ainda, o preenchimento das zonas situadas entre as superfícies exteriores dos esteios e os lados da fossa onde se edificou a cista, eram formadas por massa de argila, de cor vermelha viva, existente na zona, que ajudava a consolidar e a impermeabilizar a construção (Figs. 11, 12).



Fig. 13 Pormenor das covinhas da tampa da sepultura do Sobreiro (foto M. V. Gomes, RVI/2001-21).

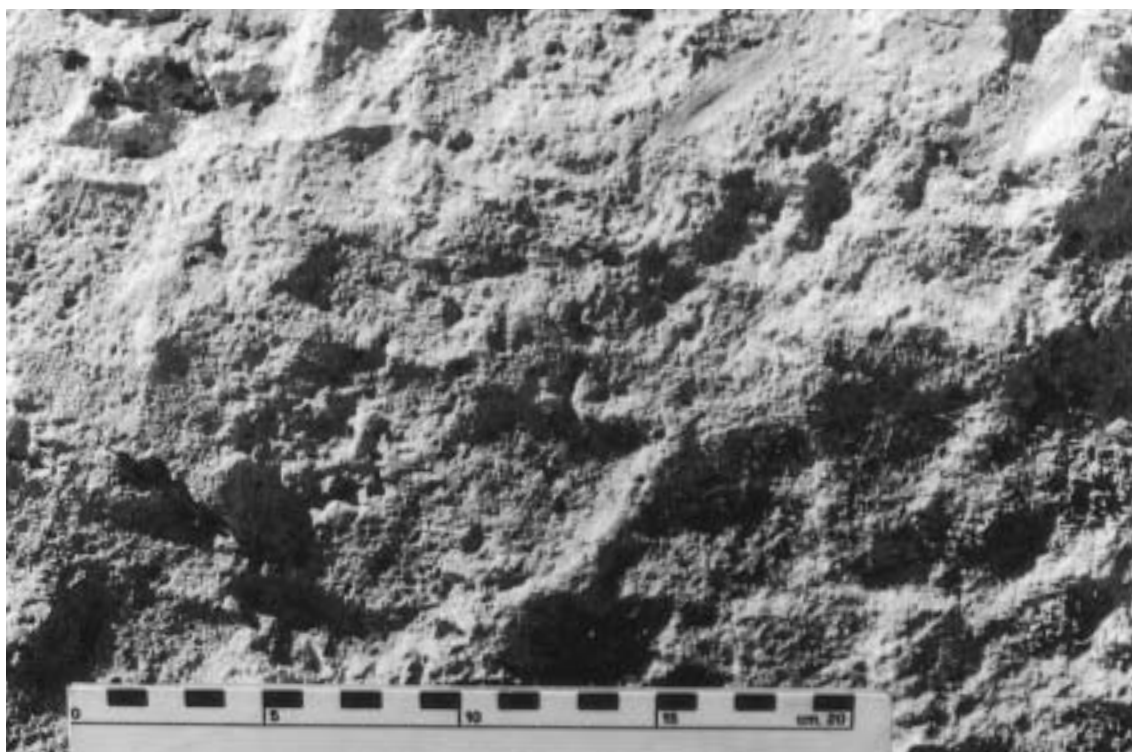


Fig. 14 Pormenor do trabalho de regularização da superfície da tampa da sepultura do Sobreiro (foto M. V. Gomes, RVII/2001-11).

6. Espólio

6.1. Lítico

Encontrou-se, no canto do lado sudeste da cista, fragmento de elemento dormente de mó manual (Fig. 15).

Conserva parte do bordo e da superfície de trabalho, picotada e polida, tendo sido afeiçãoada em foiaite, de cor cinzenta.

Mede 0,083 m de comprimento, 0,085 m de largura máxima e 0,052 m de espessura média.

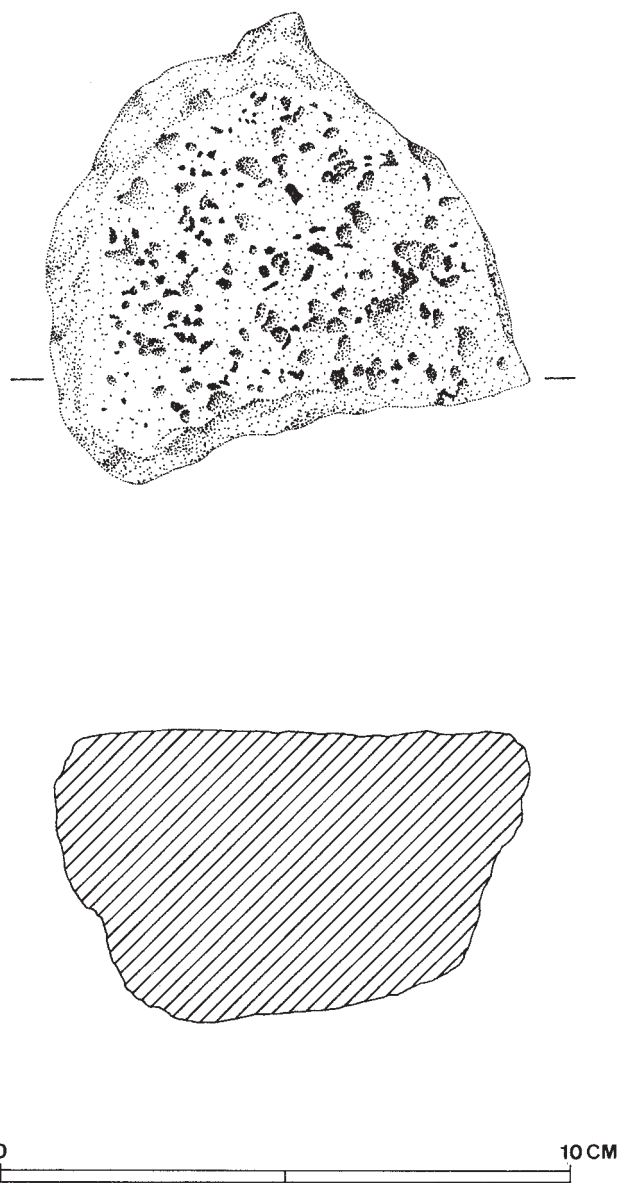


Fig. 15 Fragmento de dormente de mó manual, encontrado junto ao esteio do lado sudeste da sepultura do Sobreiro (des. A. Machado).

6.2. Cerâmico

Recolheu-se, à superfície do terreno mas próximo da cista, fragmento de taça carenada, de cerâmica, contendo porção do bordo, da parede e do fundo (Fig. 16).

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor cinzenta escura, quase negra (10YR 3/1) e as superfícies, bem alisadas, oferecem cor castanha escura (10YR 4/2).

O bordo apresenta lábio vertical com secção semicircular, a carena é acusada e o fundo seria ligeiramente convexo.

Media 0,081 m de diâmetro no bordo, 0,100 m de diâmetro na carena, 0,032 m de altura e a espessura média das paredes era de 0,004 m.

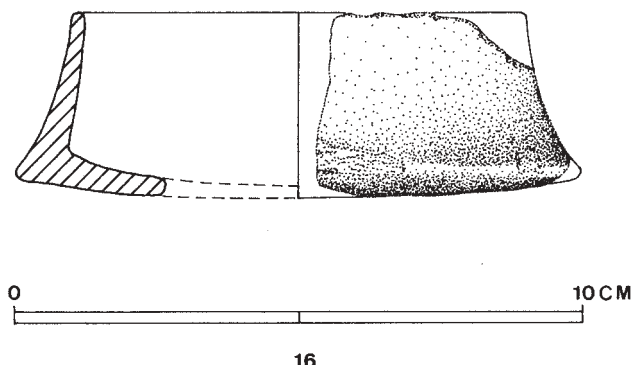


Fig. 16 Fragmento de taça carenada, recolhida à superfície (des. A. Machado).

6.3. Antropológico

6.3.1. Retirado anteriormente à intervenção de Agosto de 2001

6.3.1.1. Ossos da cabeça

Parietal

Cinco fragmentos do lado direito e três do lado esquerdo, abrangendo parte da sutura sagital. Esta encontrava-se consolidada, com vestígios de apagamento na tábua interna, sendo de tipo labiríntico, em porção da tábua externa.

Ao nível da tábua interna, identificaram-se as goteiras da vascularização leptomeníngea.

O grau de consolidação das suturas e a espessura do diploé (8 mm), é compatível com indivíduo adulto.

Os fragmentos encontram-se com elevado índice de destruição.

Parietal (?)

Sete fragmentos de ossos do crânio, de lado indeterminado. Cinco destes mostram vestígios de suturas consolidadas, algumas das quais de tipo labiríntico, apresentando sinais de apagamento.

A espessura do diploé de alguns fragmentos, e o nível de consolidação das suturas, são compatíveis com o mesmo indivíduo.

6.3.1.2. Ossos do tronco

Omoplata (?)

Fragmento de reduzidas dimensões, de lado indeterminado.

6.3.1.3. Ossos dos membros superiores

Úmero direito (?)

Dois fragmentos mesiais da diáfise, apresentando fractura recente na extremidade distal, seccionada transversalmente, bem como roidelas e negativos punctiformes, provocados, *post-mortem*, por pequeno roedor. Mede 20 mm de diâmetro máximo e 15 mm de diâmetro mínimo.

Cúbito direito (?)

Fragmento de reduzidas dimensões, conservando apenas parte da extremidade próximal da diáfise, bem como porção da epífise superior, apresentando mutilação completa na face posterior.

Cúbito

Parte mesial da diáfise, constituída por quatro fragmentos, de lado indeterminado. Apresenta diversas fracturas ao nível do perióstio, algumas recentes e outras devido às condições de jazida. O grau de conservação não permite a determinação de valores osteométricos.

6.3.1.4. Ossos dos membros inferiores

Fémur esquerdo

Dez fragmentos, conservando parte mesial da diáfise. Apresenta bordo posterior ou linha áspera bastante deteriorada, pouco desenvolvida e com raras rugosidades musculares, possivelmente compatível com indivíduo do sexo feminino. O perióstio mostra diversas mutilações, devido às condições de jazida, bem como marcas punctiformes, provocadas por roidelas de pequeno carnívoro. O seu estado de conservação não permite determinar valores osteométricos, nomeadamente quanto aos diâmetros ântero-posterior e transversal. A epífise superior, com elevado estado de destruição, apresenta mutilação completa do grande trocanter e da quase totalidade da cabeça. Ainda assim, a análise macroscópica permite observar a sinóstose da cabeça do fémur não sendo, no entanto, possível determinar o apagamento da linha diáfiso-epifisial.

Fémur

Dois fragmentos, possivelmente de lado direito, da extremidade superior da diáfise, abrangendo o orifício nutritivo.

Tíbia

Parte mesial da diáfise, composta por três fragmentos, os quais apresentam coloração acinzentada, semelhante à do fémur esquerdo anteriormente descrito.

6.3.1.5. Outros ossos

Vinte pequenos fragmentos

Correspondendo, sobretudo, a diáfises de ossos longos, dos membros superiores e inferiores, de ambos lados, nomeadamente de úmeros, fémures e tíbias.

Alguns daqueles permitem colagens, mas o seu estado de conservação não deixa retirar conclusões de âmbito antropológico.

6.3.2. Encontrado *in situ*

Sensivelmente ao centro do interior da cista e a 0,05 m do esteio sudoeste, detectaram-se restos de crânio humano, com a face voltada para nascente. Conservava-se, apenas, parte da calote craniana e da mandíbula, assim como da dentição.

Alguns ossos, muito deteriorados (clavículas, costelas e ossos longos), mas em conexão anatómica, evidenciavam o facto do crânio se manter *in situ*. Ao centro da sepultura jazia amontoado de ossos longos, dispostos em paralelo, ilustrando a prática da inumação em *decubitus* lateral e na posição fetal ou contraída, com os braços e as pernas flectidos sobre o peito.

O conjunto osteológico descoberto *in situ* no interior da cista corresponde, sobretudo, ao crânio, aos membros superiores e aos membros inferiores. Por questões metodológicas, optou-se por retirar aquele espólio em bloco, tendo em vista o seu estudo em laboratório.

Perante o grau de destruição apresentado, efectuou-se a desmontagem do bloco de forma faseada, exumando-se os ossos individualmente.

A limpeza foi processada a seco, com pequena escova muito suave, tendo-se optado, nos ossos mais fragilizados, pela manutenção, no seu interior, da massa compacta de terra que os preenchia.

Após as colagens possíveis dos fragmentos, o espólio foi ensacado e etiquetado individualmente.

Reconheceram-se diáfises com fracturas cominutivas por esmagamento, a mutilação de todas as epífises dos ossos dos membros, tal como o desaparecimento do tecido trabecular da maioria dos exemplares, quer devido à acção dos altos níveis de acidez do terreno quer por outros factores tafonómicos.

A localização dos diferentes ossos *in situ* mostra deposição de fémures e tíbias, sensivelmente paralelos entre si, coincidindo a parte inferior das tíbias com a zona superior dos fémures. Os dois fragmentos de úmero apresentavam-se ligeiramente oblíquos, em relação aos ossos anteriores, enquanto os fragmentos de ossos dos antebraços, encontravam-se, em parte, próximos da zona inferior da sepultura.

Assim, a disposição do espólio osteológico evidencia, claramente, indivíduo depositado em *decubitus* lateral, com os membros flectidos (posição fetal), embora se tenham encontrado ossos fora da posição que inicialmente ocupariam, devido às alterações estruturais da cista ou a acção antrópica.

6.3.2.1. Ossos da cabeça

Crânio de indivíduo adulto

Muito destruído, com falta da tábua interna, tendo a externa 2 mm de espessura máxima. Apresenta múltiplas fracturas provocadas por esmagamento, com ausência total do temporal esquerdo, de grande parte do parietal do mesmo lado, da quase totalidade do maxilar e do occipital.

Frontal

Parte da região superior do lado direito, mostrando porção da sutura coronal, consolidada, algo labiríntica e com vestígios de apagamento. Conserva parte da apófise orbital externa, do mesmo lado.

Parietal direito

Conserva-se quase na sua totalidade, com diversas fracturas por esmagamento *post-mortem*, evidenciando acentuado desgaste do periosteio.

Parietal (?)

Pequenos fragmentos, de lado indeterminado, abrangendo parte do bordo inferior, apresentando diploé com 6 mm de espessura máxima.

Temporal direito

Fragmento conservando apenas parte da região superior da escama e da arcada zigomática, com destruição da sutura temporal-parietal.

Temporal

Porção da escama, de lado indeterminado, mostrando parte da junção petroescamosa.

Esfenóide (?)

Pequeno fragmento, muito destruído.

Malar direito

Fragmento com múltiplas fracturas por esmagamento *post-mortem*, conservando o bordo ântero-superior ou orbitário.

Maxilar

Conserva-se apenas pequeno fragmento, do lado direito, muito destruído.

Mandíbula

Conserva-se quase na totalidade, mas em elevado estado de destruição, com múltiplas fracturas por esmagamento ao nível do *gnathion* ou ponto mentoniano, nos bordos inferiores da região mesial do corpo e dos ângulos mandibulares. Ausência total da parte superior de ambos ramos. O mento mostra-se, aparentemente, saliente e robusto, compatível com indivíduo do sexo masculino.

Não é possível o registo dos valores osteométricos devido ao nível de destruição dos pontos de referência da mandíbula, tendo-se obtido apenas o ângulo goníaco, ainda que deva ser considerado com algumas reservas.

Ângulo goníaco = 120°, sendo compatível com indivíduo do sexo masculino.

Dentes

Subsistiu grande parte da dentição definitiva, nomeadamente os dentes 11 ao 18, do 21 ao 25, do 31 ao 35 e o 37, bem como do 41 ao 44.

Apresentam todos a faceta de atrição muito acentuada, na face oclusal, com exposição da dentina, com excepção do 14, que mostra o mesmo nível de desgaste na sua face mesial.

Os dentes 11 e 21 oferecem fracturas longitudinais *post-mortem*, ao nível do esmalte. Observam-se hipoplasias lineares no esmalte, nas faces labiais de 11, 12, 13 e 21, tal como possível cárie ao nível da face bucal do 18.

Os dentes 16 e 35 evidenciam desvitalização, com destruição completa das coroas.

A análise do nível de crescimento da dentição, assim como do nível de desgaste por atrição, permite concluir tratar-se de indivíduo com idade superior a 35 anos.

N.º	Ântero posterior	Transversal	Altura
11	7 mm	8 mm	7 mm
12	6 mm	7 mm	6 mm
13	8 mm	7 mm	8 mm
14	9 mm	7 mm	5 mm
15	8 mm	7 mm	5 mm
16	?	?	?
17	10 mm	9 mm	6 mm
18	?	?	6 mm
21	7 mm	8 mm	7 mm
22	7 mm	7 mm	6 mm
23	8 mm	8 mm	9 mm
24	?	7 mm	5 mm
25	?	?	?
31	?	4 mm	5 mm
32	?	5 mm	6 mm
33	5 mm	6 mm	8 mm
34	7 mm	7 mm	5 mm
35	?	?	?
37	11 mm	12 mm	4 mm
41	?	4 mm	5 mm
42	?	5 mm	5 mm
43	?	7 mm	8 mm
44	?	?	?

6.3.2.2. Ossos do tronco

Clavícula

Três fragmentos localizados sob a mandíbula. Um deles corresponde ao terço proximal da diáfise e outro ao seu terço distal, possivelmente do lado esquerdo.

6.3.2.3. Ossos dos membros superiores

Úmero direito

Quatro fragmentos, pertencentes ao terço inferior da diáfise.

Úmero esquerdo

Fragmento abrangendo a extremidade inferior da diáfise, com destruição total da epífise inferior. Mostra, no bordo interno, marcas, provocadas por instrumento metálico, corte transversal recente, bem como fracturas longitudinais diversas, mais antigas.

Úmero

Dois fragmentos da região mesial da diáfise, de lado indeterminado, apresentando múltiplas fracturas, longitudinais, por esmagamento.

Úmero

Fragmentos da diáfise, de lado indeterminado, abrangendo parte do seu terço inferior.

Cúbito esquerdo (?)

Fragmento correspondendo ao terço superior da diáfise, apresentando diversas fracturas longitudinais.

Cúbito

Cinco fragmentos apresentando área mesial da diáfise, de lado indeterminado, com elevado estado de destruição. Três fragmentos, correspondendo ao terço superior, mostram fracturas, por esmagamento, no bordo externo.

Cúbito (?)

Pequenos fragmentos, da região mesial da diáfise, de lado indeterminado.

Rádio esquerdo (?)

Fragmentos correspondendo ao terço inferior da diáfise, com mutilação completa da epífise. Junto encontrou-se fragmento mesial de diáfise, de osso longo, compatível com o primeiro.

Rádio (?)

Fragmento mesial da diáfise, de lado indeterminado.

6.3.2.4. Ossos dos membros inferiores

Fémur direito

Fragmentos correspondendo a grande parte da diáfise, com destruição completa de ambas epífises. A extremidade superior do fragmento apresenta fracturas recentes, enquanto que na inferior são mais antigas. O bordo posterior, ou linha áspera, mostra-se algo saliente e com rugosidades musculares, indicando, possivelmente, tratar-se de indivíduo do sexo masculino. Os fragmentos evidenciam ausência do tecido esponjoso ou trabecular, tendo o perióstio da parte superior cerca de 7 mm de espessura máxima e o inferior aproximadamente 2 mm. Apresenta, ao longo da diáfise, diversas fracturas por esmagamento. O elevado nível de destruição não permite registar valores osteométricos.

Fémur esquerdo

Fragmento conservando grande parte da diáfise, com destruição completa de ambas epífises, conservando parte inferior do grande trocanter. Apresenta múltiplas fracturas por esmagamento, de aspecto antigo, e outras, mais recentes, localizadas na região mesial e nas extremidades.

O bordo posterior, ou linha áspera, oferece características compatíveis com o fémur anteriormente referido.

Mede 26 mm de diâmetro ântero-posterior e 31 mm de diâmetro transversal.

Índice de platimeria: $\frac{2,6 \times 100}{3,1} = 83,87$

O grau de destruição do exemplar não permite determinar os restantes dados osteométricos, nomeadamente o comprimento máximo, largura bicondilar, diâmetros subtrocaterianos ou ângulo de inclinação (cabeça/colo).

Fémur

Dois fragmentos, contendo um deles parte inferior do colo.

Fémur

Catorze fragmentos da diáfise, de lado indeterminado, compatível com o mesmo indivíduo.

Tíbia direita (?)

Conserva secção mesial da diáfise, com elevado estado de destruição, oferecendo múltiplas fracturas por esmagamento.

Tíbia esquerda

Três fragmentos da metade superior da diáfise, apresentando múltiplas fracturas por esmagamento.

O elevado nível de destruição de ambas tíbias não permite o seu registo osteométrico.

Tíbia

Fragmento abrangendo parte mesial da diáfise, em avançado estado de destruição, de lado indeterminado.

Perónio (?)

Três fragmentos da diáfise, de lado indeterminado.

6.3.2.5. Outros ossos

Ossos longos

Treze fragmentos de reduzidas dimensões, nomeadamente de perónio, de fémur e de rádio.

Metacarpos (?) ou metatarsos (?)

Oito pequenos fragmentos, abrangendo apenas a parte mesial das diáfises, de lados indeterminados.

Falanges

Três fragmentos das diáfises, possivelmente da mão, de lado indeterminado.

Falanges

Quatro fragmentos, correspondendo dois às primeiras falanges e os restantes às segundas ou terceiras falanges.

Ossos diversos

Cerca de uma centena de pequenos fragmentos de ossos não identificados, correspondendo, na sua maioria, a porções das diáfises de ossos longos.

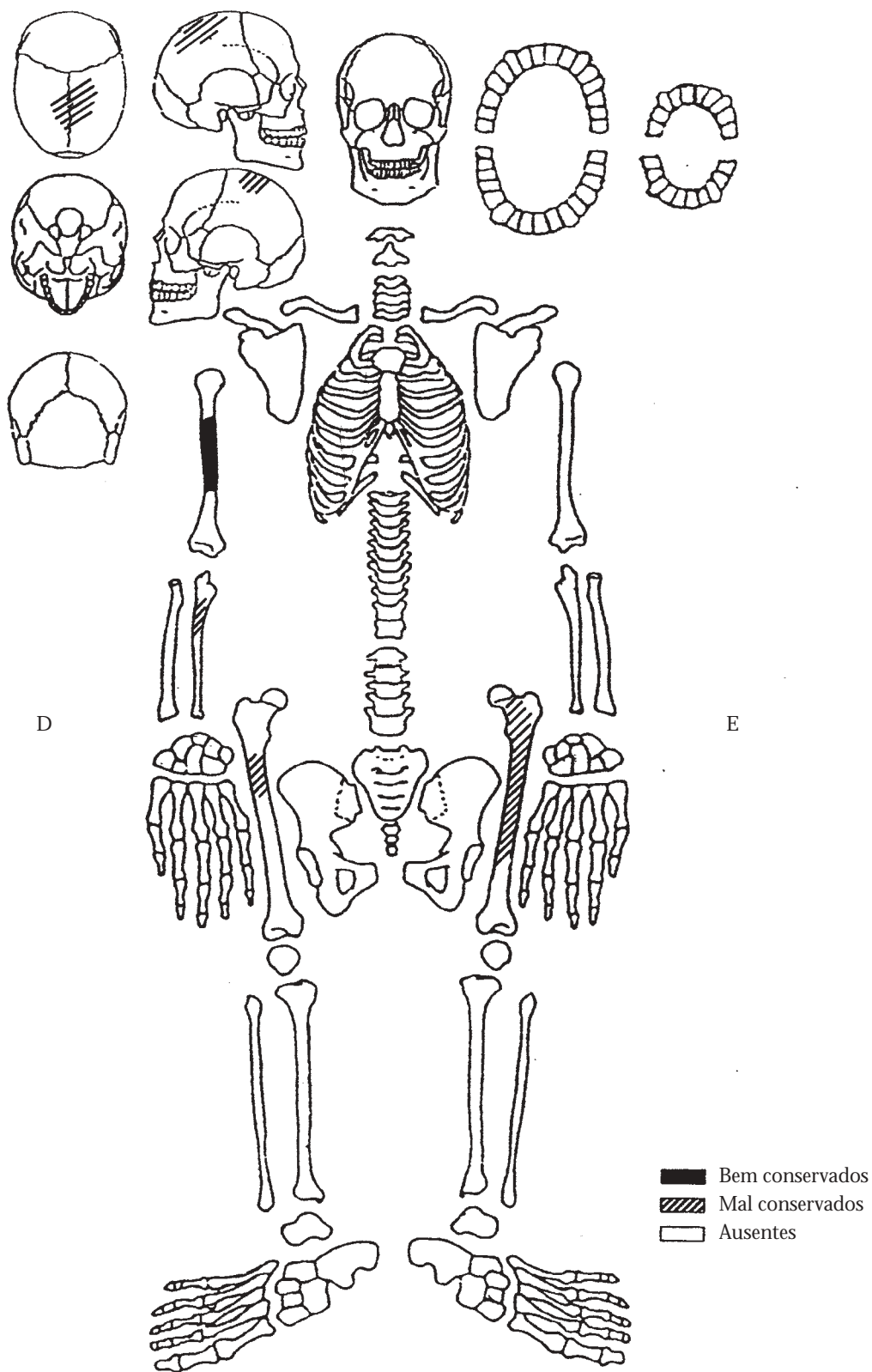


Fig. 17 Espólio osteológico correspondendo à inumação 1, da sepultura do Sobreiro (seg. L. C. Paulo).

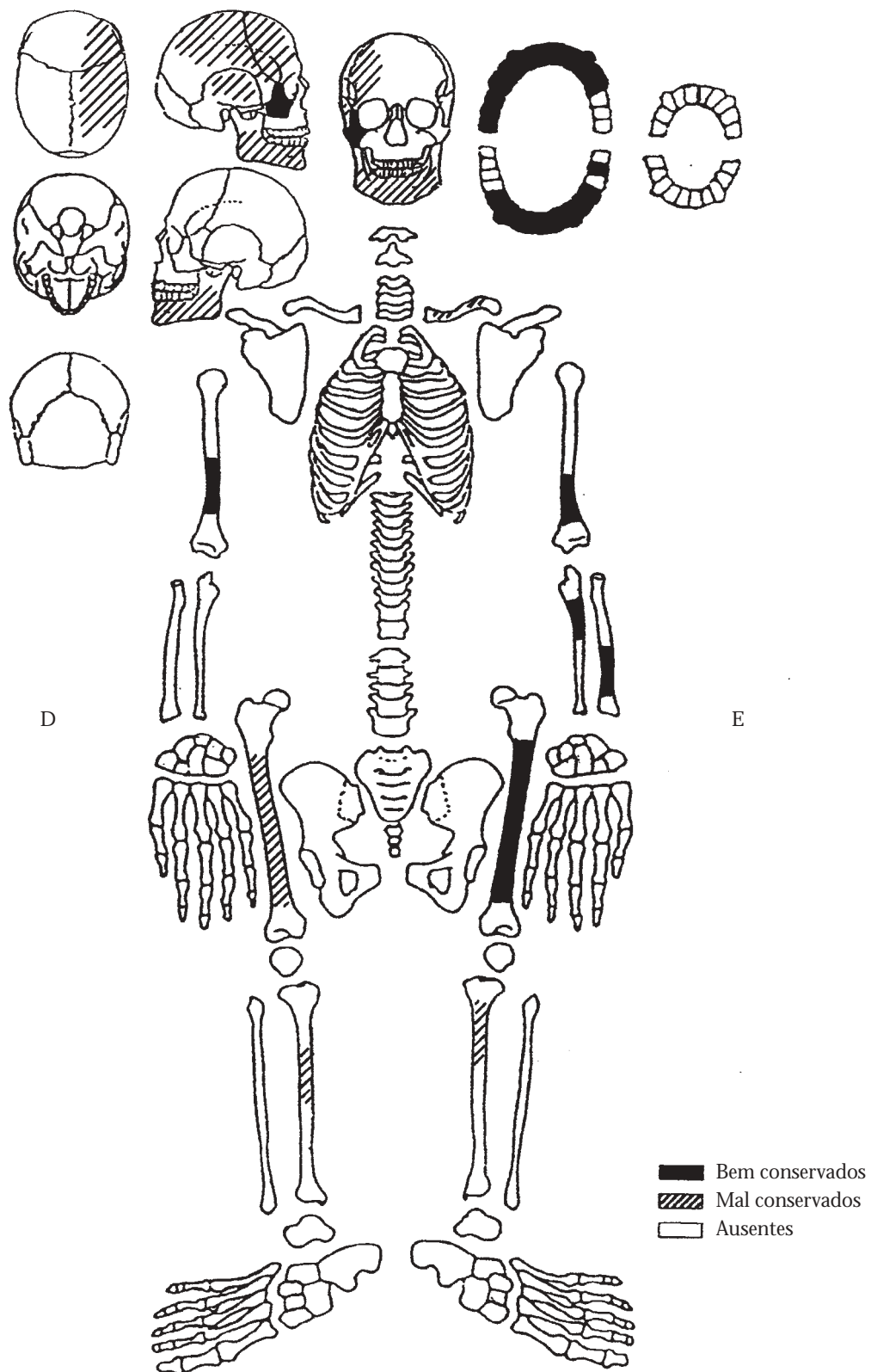


Fig. 18 Espólio osteológico correspondendo à inumação 2, da sepultura do Sobreiro (seg. L. C. Paulo).

6.3.3. Síntese

O estudo do material antropológico exumado na cista do Sobreiro, permitiu identificar a existência de dois indivíduos, inumados em diferentes momentos (Figs. 17, 18).

Os ossos que se encontravam junto do esteio nordeste, correspondiam a indivíduo que, pelo nível de consolidação das suturas cranianas e espessura do diploé, teria idade adulta e, dadas as características anatómicas do fémur, seria do sexo feminino. Trata-se de uma primeira inumação naquela sepultura, cujos ossos foram afastados da posição primitiva para dar lugar a um segundo enterramento.

A segunda inumação, da qual se conservou maior número de testemunhos osteológicos, permitiu identificar indivíduo do sexo masculino, segundo análise da morfologia da mandíbula e do fémur. Por outro lado, o nível de crescimento e de desgaste por atrição dentária sugere adulto, com idade superior a 35 anos.

O espólio daquele último permitiu ainda identificar diversas alterações patológicas orais. Todos os dentes apresentavam facetas de atrição muito acentuadas, resultantes da acção mastigatória de alimentos duros ou com elementos rijos incorporados, bem como da forma de como se processaria a mastigação.

A possível existência de cárie dentária na face bucal do dente 18 e a presença de dois dentes desvitalizados, com destruição completa das coroas, relaciona-se não só com uma má higiene oral, mas também, no que respeita ao segundo caso, com possível agravamento de processos inflamatórios iniciados por lesões traumáticas, assim como com eventuais carências alimentares.

A presença de hipoplasias lineares no esmalte dentário, as quais se caracterizam por pequenas linhas horizontais de reduzida espessura de esmalte, dispostas circularmente em torno da coroa, são indicadores de factores patológicos e ambientais, encontrando-se, sobretudo, relacionadas com carências alimentares ou deficiências nutritivas, nomeadamente em alimentos ricos em vitaminas A, C e D, ocorridas durante a infância e puberdade (Aufderheid e Rodríguez-Martín, 1998, p. 407; Paulo, 1999, p. 258).

O nível de destruição do espólio osteológico chegado até nós condicionou a determinação de importantes valores osteométricos, tendo sido, no entanto, possível calcular, no fémur esquerdo do segundo indivíduo, o índice de platimeria, o qual define o grau de achatamento ântero-posterior da diáfise daquele osso. O resultado obtido corresponde a platimeria, a qual poderá estar relacionada com patologias, como a osteoartrite e a osteoperiostose, bem como com elevado esforço físico ocorrido durante a infância e pré-adolescência, ou, ainda, com deficiências alimentares em cálcio e vitaminas (Paulo, 1999, p. 248).

7. Covinhas

Não são raras as covinhas detectadas em tampas de cistas da Idade do Bronze no território hoje português.

Conforme aludimos, encontram-se gravadas, por picotagem, na metade sudoeste da laje de cobertura da sepultura do Sobreiro, oito covinhas.

Aqueles elementos iconográficos, certamente ideogramas, apresentam contornos subcirculares e dimensões variáveis (Fig. 19).

Os seus diâmetros oscilam de 0,025 m a 0,045 m, enquanto as profundidades máximas apresentam entre 0,005 m e 0,020 m, embora a maioria tenha 0,015 m.

A menor daquelas medidas corresponde à covinha com menor diâmetro, e a maior profundidade à de maior diâmetro.

As oito covinhas encontram-se alinhadas, sugerindo formar linha com dois ângulos, ou em ziguezague, com cerca de 0,80 m de comprimento.

Importa ainda referir que elas se situam na zona correspondente à cabeça do segundo indivíduo ali inumado e de que encontrámos parte dos restos osteológicos em conexão anatómica.

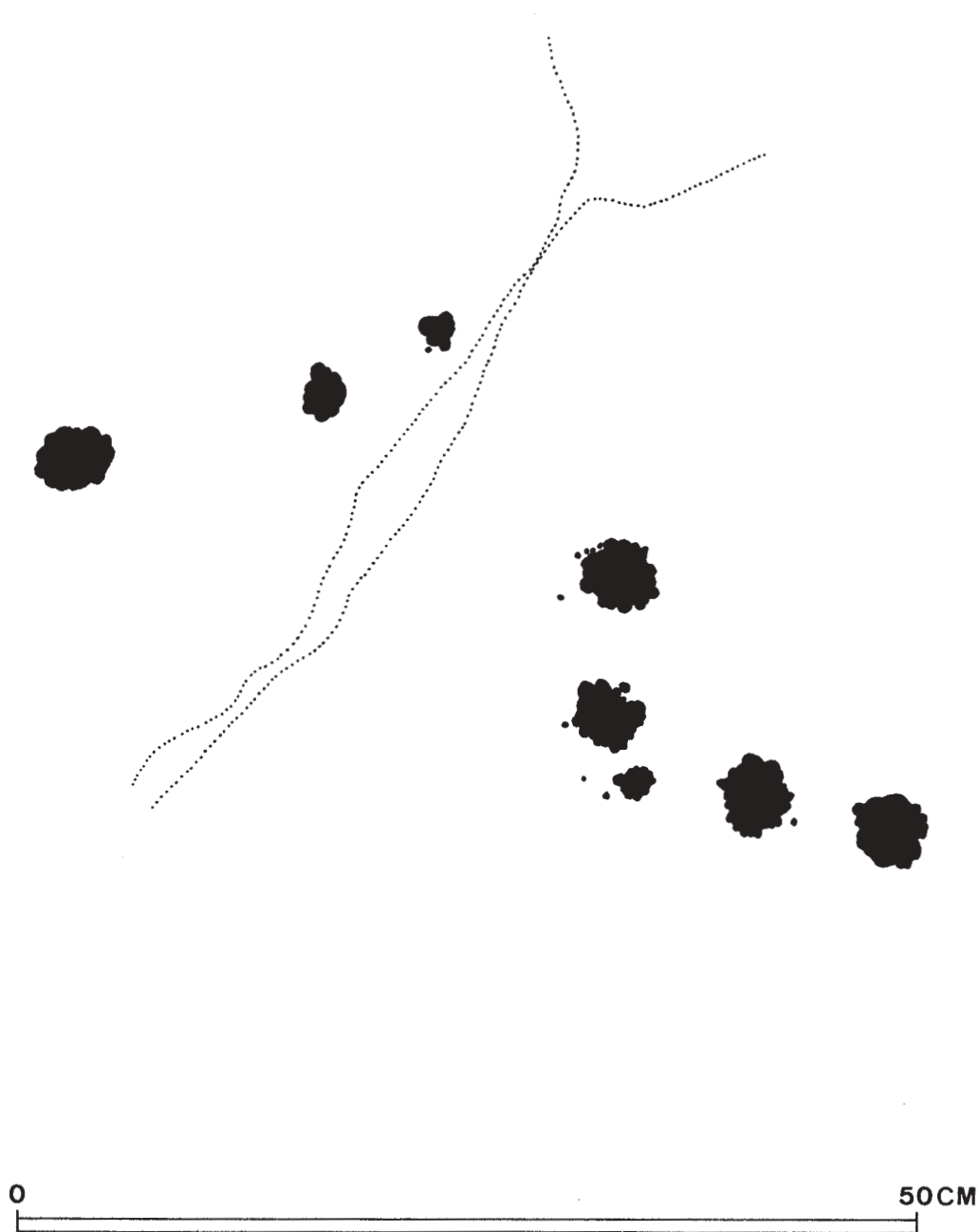


Fig. 19 Decalque das covinhas que “decoram” a tampa da sepultura do Sobreiro (lev. M. V. Gomes).

8. Conclusões

A sepultura do Sobreiro integra já extensa série de monumentos funerários da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular, bem conhecidos no Barlavento algarvio.

No concelho de Lagoa, assinalou Estácio da Veiga (1887, p. 376, 377, 1891, p. 95-97, 99) três necrópoles da Idade do Bronze, nos sítios de Bemparece, Porches Velho e Crastos, a primeira a sudoeste da cidade e as restantes junto ao litoral. Um de nós (M. V. G.) identificou, em meados dos anos setenta do passado século, uma quarta necrópole, perto do local onde se situa a Escola Internacional, a nascente de Lagoa (Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 62) e, nos anos noventa, sepultura, associada a diverso espólio, no cemitério de Bemparece, referido por Estácio da Veiga (1891, p. 95, 96) e que será oportunamente publicada. É, pois, muito limitada a informação disponível sobre tais necrópoles, formadas por sepulturas do tipo cista, com câmaras escavadas no solo e revestidas por lajes dispostas de cutelo, sendo, em geral, cobertas por lajes maiores. Os corpos eram ali depositados, sendo ou não cobertos por terra, na posição fetal ou contraída, e em *decubitus* lateral.

Não se conhecem, ainda, os povoados correspondentes àquelas necrópoles, tendo-se, no entanto, recuperado alguns artefactos avulsos, nomeadamente metálicos, de cobre/bronze, que ajudam a definir o perfil sócio-económico, tecnológico e ideológico das sociedades responsáveis por tais construções.

O Museu Municipal de Arqueologia de Silves guarda ponta de flecha ou de dardo, de cobre/bronze, com folha de forma lanceolada e espigão não muito longo, procedente do sítio dos Crastos (Porches), onde foi identificado um dos cemitérios referidos (Veiga, 1891, p. 99). Nas Fontes Grandes, junto de importante manancial que origina linha de água pertencente à bacia do Baixo Arade, encontraram-se dois enormes machados planos, de cobre/bronze e oferecendo gume arqueado, que deverão ter constituído deposição de carácter ritual, relacionada com cultos ligados com a água e as forças da Natureza (Veiga, 1891, p. 188). Também a extensa caverna-santuário, denominada Furna dos Mouros ou Gruta de Ibn Amar, entregou espólio que podemos classificar na II Idade do Bronze, nomeadamente estreito machado plano, de cobre/bronze, e taça carenada de cerâmica, com carena baixa e paredes côncavas (Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 19, 20, 38, 40, fig. 12).

Os trabalhos efectuados no sítio do Sobreiro não permitiram concluir se a cista investigada constituía elemento isolado ou, pelo contrário, fazia parte de necrópole onde se associariam diversas de tais construções. Todavia, a extensa zona situada a norte apresentava profunda remoção das camadas de areia onde poderiam ter sido edificadas outras cistas, embora ali não tivéssemos encontrado restos de esteios ou outros materiais que as denunciassem. É, no entanto, possível que para sul se possam detectar novos túmulos, embora a existência de cistas isoladas, ou muito afastadas de núcleos de vários de tais monumentos, não seja rara.

A variante construtiva observada na câmara, onde os dois esteios laterais encostam os topos ao esteio de cabeceira, embora o esteio dos pés se encontre entre aqueles dois, não é muito comum, sendo mais usual encontrarem-se os esteios dos topos entre os laterais, os mais longos. Contudo, importa, uma vez mais, recordar as significativas variações encontradas na edificação das cistas da Idade do Bronze, acentuando-se tal aspecto em zonas onde os blocos pétreos que pudessem servir como material construtivo eram escassos, conforme acontece no Litoral do Algarve, nomeadamente nos planaltos de areias plio-pleistocénicas.

Cistas construídas em zonas calcárias, como as do Serro de Bartolomeu Dias e Baralha, no concelho de Portimão, da Campina, nos arredores de Faro, da Alcaria do Pocinho, em Vila Real de Santo António, ou de La Ruiza na região de Huelva, mostram esteios constituídos por mais de um

elemento, não apresentando o aspecto regular, nem as grandes dimensões que a estrutura laminar do xisto permite obter, muitas vezes naturalmente (Amo, 1974, p. 175, 176; Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, p. 63; Rocha, 1897, p. 115-118; Schubart, 1975, ests. 5, 7, 16, 17).

Embora na necrópole da Alfarrobeira (São Bartolomeu de Messines) se tenha recorrido sobretudo a esteios monolíticos, a cista 9 mostrava um dos lados formado por duas lajes, como era reforçada, no exterior, por outras lajes menores, o que também acontecia em um dos esteios da cista 10 e nas sepulturas 7 e 9 da Vinha do Casão (Gomes, 1994, p. 66).

Na necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Loulé) reconhecemos numerosas soluções construtivas que procuravam oferecer morfologia idêntica às cistas edificadas com elementos monolíticos, ali se tendo chegado a utilizar barro argamassado com pequenas pedras, em sua substituição (Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, p. 66).

As dimensões da cista do Sobreiro são semelhantes às registadas para sepulcros do mesmo tipo em todo o Sudoeste Peninsular, principalmente para a II Idade do Bronze, quando se nota tendência para apresentarem menor volumetria. Por exemplo, na Vinha do Casão as duas cistas mais compridas mediam, apenas, 1,05 m (seps. 1 e 9) e a mais larga 0,65 m (sep. 8) (Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, p. 63), enquanto na necrópole da Alfarrobeira a câmara maior media 1,00 m por 0,74 m (sep. 9) (Gomes, 1994, 61). Nos cemitérios da zona de Sines as cistas medem, em geral, entre 1,10 m a 1,20 m de comprimento, 0,50 m a 0,55 m de largura e 0,60 m de profundidade, embora existam exceções. Também as cistas da Campina (Faro) atingiam 1,00 m a 1,20 m de comprimento e 0,80m a 1,00 m de largura máxima (Gomes, 1994, p. 99).

No Barrocal e na Serra do Algarve, onde ocorrem extensos afloramentos de arenito e de xisto, ou de xisto grauváquico, as cistas foram normalmente cobertas com tampas monolíticas, por vezes também de grandes dimensões, conforme ilustram sepulturas da necrópole de Alfarrobeira (São Bartolomeu de Messines).

Sendo raras no Litoral, as lajes de grandes dimensões eram, sobretudo, reservadas para serem usadas como tampas.

A tampa da sepultura do Sobreiro, com apreciáveis dimensões, tem paralelos na sepultura 1 da Vinha do Casão, a única daquele cemitério protegida com grande elemento monolítico, ou na tampa descoberta em Milrei (Vila do Bispo) em zona onde, aparentemente, haviam sido desmanteladas algumas cistas (Gomes e Silva, 1987, p. 52).

Aqueles dois monólitos encontravam-se, tal como o do Sobreiro, “decorados” com covinhas, algumas das quais possuindo grande diâmetro e profundidade. Também a tampa da cista 23 do núcleo sul do monumento I da necrópole da Provença (Sines), mostrava três covinhas picotadas, observando-se abundantes covinhas em uma das pedras de cobertura da cista 2 de Panóias (Ourique) e, ainda, em quatro lajes, duas da sepultura 38, uma da 39 e outra da 6, do monumento V da Atalaia (Ourique) (Gomes, 1994, p. 103; Santos, Soares e Silva, 1974, p. 75; Schubart, 1965, p. 62-80; Silva e Soares, 1981, p. 158, figs. 135, 136; Vasconcellos, 1908, p. 304-306). A tampa da cista 13 da necrópole da Alfarrobeira, exibia, a cerca de meia altura, uma covinha (Gomes, 1994, p. 66).

As covinhas gravadas nas tampas das sepulturas da Idade do Bronze devem-se a aspectos rituais, talvez a “acção sacralizadora”, que também observamos nas lajes de cobertura de sepulcros megalíticos e em rochas ao ar livre (Gomes, 1994, p. 103).

A utilização de barro amassado na consolidação e vedação da cista do Sobreiro, repete aspecto identificado na cista 3 da Vinha do Casão ou nos monumentos congêneres da Herdade da Queijeirinha e da Folha das Palmeiras, ambos no concelho de Mourão, onde também se colocou barro entre a face exterior dos esteios e as paredes da fossa escavada no solo (Paço e Leal, 1962, p. 2, 1963-1964, p. 71; Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, p. 66).

Uma cista da Herdade do Montinho (Serpa), estruturada com esteios e tampa de mármore, foi impermeabilizada com camada de terra misturada com gordura de porco, sobre a qual assentou pequeno *tumulus* com planta circular, formado por pedras miúdas e terra (Ribeiro e Soares, 1991).

A orientação da cista do Sobreiro, sudoeste-nordeste ou quase poente-nascente, sugere corresponder a edificação tardia, da II Idade do Bronze do Sudoeste, dado que as sepulturas mais recuadas das necrópoles do Baixo Alentejo e do Algarve, como as do monumento I da Provença, da Atalaia, Baralha, Campina, Vinha do Casão e Alfarrobeira, se encontram dispostas no sentido norte-sul (Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, 68-70).

Naquele último cemitério apenas três cistas periféricas, em relação ao núcleo central e mais antigo, ofereciam orientação nascente-poente, embora sepulturas ulteriores voltassem a ter a disposição inicial (Gomes, 1994, p. 64, 65, fig. 46).

Nas sepulturas da Vinha do Casão, orientadas norte-sul, as cabeças dos indivíduos ali inumados encontravam-se no topo norte das câmaras, embora pudessem tanto ter a face voltada para nascente como para poente, sugerindo idêntica disposição o espólio exumado nas sepulturas 6, 7 e 11 da necrópole da Alfarrobeira (Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, p. 68, 84; Gomes, 1994, p. 104).

No interior da cista do Sobreiro um conjunto de ossos, encontrados agrupados junto ao esteio do lado nordeste, pertence a uma primeira inumação, de indivíduo adulto e do sexo feminino, a que se seguiu outra, de adulto do sexo masculino, colocada em posição contraída e com a face voltada para sul, de que descobrimos parte dos restos osteológicos em conexão anatómica.

Também na necrópole da Vinha do Casão estudaram-se três cistas (sepulturas 7, 8 e 9) contendo, cada uma delas, o espólio osteológico de três indivíduos, prática que julgamos mais recorrente nas zonas onde escasseavam os materiais construtivos mas que pode, ainda, dever-se a comportamentos de carácter sócio-religioso e, designadamente, relacionar-se com a manutenção *post-mortem* das relações de parentesco.

Tanto na cista 24 da Quitéria, como na cista 6 da Medarra, foram identificados restos osteológicos de dois indivíduos adultos, encontrando-se no último daqueles monumentos claramente sobrepostos. De igual modo, Estácio da Veiga (1891, p. 117, 118) refere terem surgido, em cistas de Alcaria do Pocinho (Castro Marim), “(...) *vestígios de dois a três crânios (...)*” e na sepultura P, do mesmo cemitério, claramente dois crânios, acompanhados por taça de cerâmica. Ainda em uma das cistas da necrópole de Maudinheiro (Castro Marim), descobriu, aquele arqueólogo pioneiro, quatro crânios: três no topo poente e um junto ao esteio nascente (Veiga, 1891, p. 114).

Ulteriormente, A. dos Santos Rocha (1897, p. 115-117), ao explorar duas cistas na Campina (Faro), deparou, em uma delas, com o espólio osteológico correspondente a três inumações. Segundo as minuciosas observações deixadas por aquele arqueólogo, a uma primeira inumação ter-se-ão seguido as duas outras, possivelmente em simultâneo, sobrepondo de modo claro a anterior, e dela separadas por fina camada de terra.

Todavia, talvez o caso mais interessante de enterramento múltiplo corresponda ao observado na cista 12 do Ulmo (Santa Vitória), que continha quatro esqueletos de indivíduos adultos. Os dos últimos ocupantes daquele espaço tão limitado jaziam, ainda em conexão anatómica, mas em posição oposta: um com a cabeça voltada para nordeste e o outro com a cabeça dirigida para sudoeste (Viana, 1955, p. 53).

É bem possível que cistas onde os restos osteológicos desapareceram, mas que proporcionaram abundante espólio, como, por exemplo, a sepultura 2 do Peral, que ofereceu quatro taças de cerâmica, dois punhais e agulha, de cobre/bronze (?), contivessem mais de uma inumação, talvez no caso referido um homem e uma mulher (Ferreira e Almeida, 1971, p. 117; Schubart, 1975a, est. 58).

Em El Argar, no Sudeste Peninsular, foram também identificadas inumações múltiplas, uma delas em *pithos* (824), desconhecendo-se se eram ou não contemporâneas (Ruiz-Gálvez, 1977, p. 87-91; Schubart, 1975b, p. 81).

Os enterramentos múltiplos sugerem a continuidade dos rituais funerários ligados aos grandes jazigos colectivos do Neolítico Final e, em especial, do Calcolítico, reflectindo o controlo do território, ligado a estruturas de parentesco e, até, a organização social supra-familiar e regional, e não, apenas, “(...) *um piedoso preceito de família (...)*”, conforme escreveu Estácio da Veiga (1891, p. 118).

O fragmento de taça carenada recolhido junto à sepultura do Sobreiro integra a forma conhecida como “tipo Atalaia”, embora na variante com paredes finas, carena baixa e acusada, assente em fundo quase plano.

A inumação 1 da cista 7 da Vinha do Casão era acompanhada por recipiente semelhante ao acima mencionado, embora ofereça lábio plano e demarcado exteriormente por ligeira canelura. Foi igualmente produzido com pasta homogénea e compacta, de cor castanha escura, contendo elementos não plásticos de grão fino, mostrando, também, as superfícies bem alisadas e de cor castanha escura a negra (Gomes, Gomes, Beirão e Matos, 1986, p. 34).

A forma evolucionada daqueles recipientes e o tratamento dado às superfícies, conferindo-lhes cor escura e aspecto metálico, indicam produções tardias no seio da Idade do Bronze do Sudoeste.

Não é a primeira vez que surgem elementos de mós manuais associados a monumentos funerários da Idade do Bronze. De facto, encontrou-se no *tumulus* da sepultura 1 da necrópole da Alfarrobeira, fragmento de dormente, tendo outro surgido no interior da cista 2 da necrópole de Las Palmas (Badajoz), assinalando-se idênticos testemunhos nas necrópoles da região de Sines (Silva e Soares, 1981, p. 147, 159, 171; Gil-Mascarell, Rodríguez e Enríquez, 1986, p. 16, 19; Gomes, 1994, p. 50, 51, 133, fig. 37-B).

Dada a função que aqueles artefactos desempenharam, ligados à produção de alimentos, na farinhação de frutos e cereais, devem conter significado propiciatório no seio do cerimonial funerário, aspecto que se detecta desde o Neolítico e onde simbolizariam, tanto associados a menires como a monumentos funerários, a fertilidade da terra cultivada e a abundância (Gomes, 1997a, p. 185, 1997b, p. 32).

A comunidade que tumulou os seus mortos na sepultura do Sobreiro e que, por certo, vivia nas suas proximidades, dada a fraca produtividade dos solos da zona e a pouca distância que a separava do mar, dependeria economicamente dos recursos proporcionados por aqueles dois ecossistemas. Ela ocuparia posição marginal, em termos geográficos e económicos, relativamente a outros estabelecimentos contemporâneos existentes no Barrocal e na Meia-Serra, explorando solos produtivos e próximos de ocorrências minerais, que permitiram maior desenvolvimento económico-social e importante interacção cultural.

NOTAS

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26-C
1069-061 Lisboa

² Arqueólogos

³ Câmara Municipal de Lagoa

⁴ Os índices cromáticos referem-se às “*Munsell Soil Color Charts*” (1975) e, portanto, devem entender-se como aproximados.

BIBLIOGRAFIA

- AMO, M. del (1974) - Enterramientos en cista de la provincia de Huelva, *Huelva-Prehistoria y Antigüedad*. Madrid: Editora Nacional, p. 109-192.
- AUFDERHEID, A. C.; RODRÍGUEZ-MARTÍN, C. (1998) - *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAVES, M. (2001) - Spuren der Geschichte im Garten. *Entdecken Sie Algarve*. Lagoa. 11, p. 22, 23.
- FERREIRA, O. da V.; ALMEIDA, F. de (1971) - A necrópole do Bronze Meridional Português da Herdade do Peral (Évora). *Madriker Mitteilungen*. Mainz. 12, p. 115-122.
- GIL-MASCARELL, M.; RODRÍGUEZ, A.; ENRÍQUEZ, J. J. (1986) - Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en la Baja Extremadura. *Saguntum*. València. 20, p. 9-41.
- GOMES, M. V. (1994) - A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves. *Xelb. Silves*. 2.
- GOMES, M. V. (1997a) - Megalitismo do Barlavento algarvio- Breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M. V. (1997b) - Cromesque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade. In *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal, p. 25-34.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; ALVES, F. J. S. (1995) - *Levantamento Arqueológico do Algarve-Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; BEIRÃO, C. de M.; MATOS, J. L. de (1986) - *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve), no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural (Trabalhos de Arqueologia; 2).
- GOMES, M. V.; SILVA, C. T. da (1987) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Secretaria do Estado da Cultura.
- PAÇO, A. DO.; LEAL, J. B. (1962) - Sepulturas argáricas da "Folha das Palmeiras" (Mourão). In *Actas do XXVI Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, separata com 7 p., Porto.
- PAÇO, A. do; LEAL, J. B. (1963-1964) - Sepulturas argáricas da Herdade da Queijeirinha (Mourão). *Arquivo de Beja*. Beja. 20-21, p. 69-72.
- PAULO, L. C. (1999) - *Estudo do espólio osteológico da necrópole de S. Bartolomeu (Reguengos de Monsaraz)*, Trabalho de Estágio e Relatório Final, Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado), Lisboa.
- RIBEIRO, M. I. M.; SOARES, A. M. M. (1991) - A sepultura do Bronze do Sudoeste da Herdade do Montinho (Vale do Vargo, Serpa). Aplicação de alguns métodos instrumentais de análise química a um problema arqueológico. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 287-298.
- ROCHA, A. dos S. (1897) - *Memórias sobre a Antigüidade*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- RODRIGUES, E. (2001) - Sepultura milenar descoberta em Lagoa. *Barlavento*. 23.08.01, p. 10.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1977) - Nueva aportación al conocimiento de la Cultura de El Argar. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 34, p. 85-110.
- SANTOS, M. F. dos; SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1974) - Necrópole da Provença (Sines). *Arqueologia e História*. Lisboa. 5, p. 69-99.
- SCHUBART, H. (1965) - Atalaia, uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 7-136.
- SCHUBART, H. (1975a) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SCHUBART, H. (1975b) - Cronologia relativa de la cerámica sepulcral en la Cultura de El Argar. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 32, p. 79-92.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da área de Sines: trabalhos Arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1908) - Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 13, p. 300-313.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1887) - *Antiguidades monumentaes do Algarve*. II, Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1891) - *Antiguidades monumentaes do Algarve*. IV, Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIANA, A. (1955) - Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 12, p. 3-35.